

Dora Kramer*

Brasil se encolhe na liderança da América Latina

O presidente Luiz Inácio da Silva (PT) tem falado ao telefone com mandatários das Américas e, ao que informa o serviço de comunicação do Palácio do Planalto, os assuntos são a Venezuela e o acordo Mercosul-União Europeia. Até aí, temos o óbvio, dada a atualidade dos temas.

O que não temos é conhecimento sobre o conteúdo das conversas, além do agrado pelo avanço do tratado e da atenção preocupada com a investida de Donald Trump sobre o regime inaugurado por Hugo Chávez mais ou menos no mesmo tempo em que se iniciaram as tratativas para a criação da zona de livre comércio, em 1999.

Lula precisaria oferecer mais do que isso aos públicos interno e externo para conseguir conjugar sua pretensão de liderança regional ao plano de ocupar espaço relevante no cenário mundial neste terceiro mandato.

A ideia de faturar politicamente a assinatura do acordo enquanto o Brasil estivesse na presidência rotativa do Mercosul naufragou no adiamento do ato para janeiro, um mês depois de vencido o prazo para que Lula pudesse avocar para si o feito.

Para garantir o destaque, restaria e, sobre tudo, caberia ao presidente brasileiro assumir a linha de frente na defesa pela retomada da democracia na Venezuela.

Ao que consta, no entanto, não tem sido essa a articulação de Lula em seus contatos com os chefes de Estado da região.

O presidente optou por se manter na retranca: não cobrar o reconhecimento da legitimidade da oposição que ganhou a eleição de 2024 e aceitar a ofensiva de Trump, a fim de deixar como está para ver como é que fica.

A alegação é estratégica. Tem a ver com a preservação da estabilidade regional e com não prejudicar a relação com Washington até seclarearem os rumos dos acontecimentos em Caracas.

Prudência é boa conselheira, mas quando excessiva pode levar o prudente — no caso, o governo brasileiro — a perder a chance de ter participação ativa no avanço democrático para se tornar refém do atraso autoritário.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo Cesar de Oliveira*

2026 e o ano eleitoral

Entramos no ano eleitoral. Desde o ano passado muitos políticos já estão sobre o palanque. Agora então... A eleição é uma oportunidade do eleitor se redimir de seus erros na escolha. Erros que têm sido a marca principal do eleitorado nas últimas décadas e que se repetem e agravam a cada disputa. Ulisses Guimarães, monstro sagrado da política brasileira, de quem a maioria dos brasileiros hoje não se lembra, ou nem conhece, já previa a piora do quadro político brasileiro.

Quando alguém criticava o quadro político do momento Ulisses, com sua sabedoria e sinceridade dizia: "pior do que está é a que virá". E estamos caminhando neste rumo. Não há, até agora, qualquer perspectiva de mudanças no quadro eleitoral. O eleitor permanece omissivo, não participa da vida política do país, não cobra melhor desempenho. Muitos sequer se lembram do nome de quem se consagrou nas urnas. Quem age assim não tem o direito de reclamar, de culpar os políticos por seus problemas.

Alguns, os mais radicais, ousam até defender as ditaduras, argumentando que nelas não existem políticos para atrapalharem. Políticos que, é bom lembrar, foram eles mesmos que escolhe-

ram. O brasileiro precisa se conscientizar de que é preciso ter mais responsabilidade ao votar. Não pode usar seu voto para homenagear seus cantos favoritos, sem locutor favorito, seu pastor favorito. Ou para agradecer a verba de emenda que assegurou o show na rua cidade.

De nada adianta o eleitor escolher o melhor candidato a governador, presidente, prefeito, se elege maus parlamentares, gente despreparada, quando não mal intencionada, que trava ações e estimula o golpismo. Em fevereiro nosso Legislativo - Câmara e Senado, volta do recesso. E tem uma pauta cheia de projetos importantes envolvendo segurança e outros temas.

Pelo que se ouve, os representantes do povo têm outras prioridades. A primeira foi a anistia aos golpistas de 8 de janeiro. Temas importantes para o povo certamente ficarão sem análise. Tem sido assim. E se o eleitor não mudar, não se conscientizar de que precisa de maior seriedade em suas escolhas, vai continuar. Por no mínimo mais quatro anos.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ESQUADRILHA BALBO CHEGA AO BRASIL E ESTÁ NO RIO GRANDE DO NORTE

As principais notícias do Correio da Manhã em 13 de janeiro de 1931 foram: Tribunal de Sanções do Peru condena o ex-presidente Leguia e sua família a devolverem todo o valor desviado dos cofres pú-

blicos ao Tesouro Nacional. Pio XI publica um encílica na qual condena o controle da natalidade, a esterilização, o divórcio e outras "modas" do modernismo. Esquadrilha Balbo chega ao Brasil

HÁ 75 ANOS: TEMPESTADES DE NEVE FAZEM A GUERRA NA COREIA TEREM UMA TRÉGUA

As principais notícias do Correio da Manhã em 13 de janeiro de 1951 foram: Tempestades de neves interrompem os avanços das tropas chinesas na Coreia e fazem com que a guerra tenha uma pausa.

Países da Commonwealth pedem uma conferência entre os países interessados para debater a paz na Coreia. Peru, Colômbia, Venezuela e Uruguai também podem ter cruzadores norte-americanos.

EDITORIAL

O calor e o cuidado com o corpo

A nova onda de calor que atinge o Brasil tem provocado impactos significativos na rotina da população e reforçado a necessidade de cuidados com o corpo em um contexto de mudanças climáticas cada vez mais evidentes. Episódios de temperaturas extremas, que antigamente eram pontuais, tornaram-se frequentes, exigindo adaptações na vida cotidiana e reforçando a importância da prevenção, da conscientização e da responsabilidade social em relação à saúde.

O corpo humano possui mecanismos naturais para regular a temperatura, como a transpiração, mas eles têm limites. Em períodos prolongados de calor intenso, esses mecanismos podem falhar, resultando em desidratação, exaustão térmica e até quadros mais graves, como insolação. Crianças, idosos, pessoas com doenças crônicas e trabalhadores expostos ao sol estão entre os grupos mais vulneráveis. Por isso, cuidar do corpo passa a ser não apenas uma escolha individual, mas uma questão de saúde pública.

A hidratação constante é essencial. Beber água regularmente, mesmo sem sentir sede, ajuda o organismo a manter seu equilíbrio e evita sintomas como tontura, fadiga e dor de cabeça. A alimentação adequada também desempenha papel fundamental: refeições leves, ricas em frutas, verduras e alimentos naturais, auxiliam na reposição de líquidos e sais minerais. Por outro lado, o consumo excessivo de bebidas açucaradas, alcoólicas ou de alimentos ultraprocessados pode

agravar os efeitos do calor, aumentando o mal-estar e a desidratação.

A proteção da pele é outro cuidado indispensável. A exposição prolongada ao sol eleva os riscos de queimaduras, envelhecimento precoce e câncer de pele. O uso diário de protetor solar, roupas leves, chapéus e óculos escuros deve ser incorporado à rotina. No entanto, é importante lembrar que nem todos têm acesso a esses recursos, o que evidencia como a vulnerabilidade climática se relaciona diretamente com desigualdades sociais.

Além dos impactos físicos, o calor extremo também prejudica a saúde mental. Sintomas como irritabilidade, cansaço, insônia e dificuldade de concentração tornam-se comuns, interferindo na produtividade, nas relações pessoais e na qualidade de vida. Reconhecer esses efeitos é fundamental para entender que o calor intenso vai muito além de um simples desconforto: ele compromete o bem-estar integral do indivíduo.

Portanto, cuidar do corpo durante a onda de calor envolve atenção à hidratação, alimentação, proteção da pele, descanso e prevenção de riscos. Entretanto, para que esses cuidados sejam efetivos, é necessário que estejam aliados a políticas públicas, campanhas de conscientização e ações de preservação ambiental. Proteger a saúde em meio a temperaturas extremas é também promover equidade, reduzir desigualdades e garantir qualidade de vida para toda a população, hoje e no futuro.

Opinião do leitor

Doença

Informa o boletim médico do universo: o mundo está doente. Em frangalhos. Implodindo em rancor, ódio, fraudes, golpes, bravatas, insultos, badernas, desamor e intolerância. A insuportável ânsia pelo poder esmaga corações, destrói famílias, esperanças, sonhos. O mundo respira por aparelhos, recuperação difícil.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira

e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo:

Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.